

O PAPEL DA ASSISTÊNCIA DO ENFERMEIRO ONCOLOGISTA NA PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL E SUPORTE EMOCIONAL AO PACIENTE ONCOLÓGICO¹

THE ROLE OF ONCOLOGIST NURSE ASSISTANCE IN PROMOTING MENTAL HEALTH AND EMOTIONAL SUPPORT TO ONCOLOGY PATIENTS

Adriana De Castro Machado²
Milene Alves dos Santos³

Thays Menezes Guimarães Barbosa⁴

RESUMO

Introdução: As neoplasias malignas demandam cuidados especializados, e o enfermeiro oncologista desempenha papel importante ao oferecer suporte emocional e acompanhamento durante o tratamento. Além da gestão clínica, sua atuação visa promover o bem-estar do paciente, fornecendo informações e coordenando cuidados, essenciais para enfrentar os desafios da condição. **Objetivo:** Desenvolver estratégias eficazes para intervenção emocional, incluindo identificar as estratégias empregadas e analisar as percepções dos pacientes para aprimorar o suporte. **Metodologia:** Revisão de literatura com análise de 50 artigos, 35 foram selecionados para análise detalhada, considerando sua relevância para o estudo. Os artigos escolhidos abrangem o período de 2002 a 2024 e incluem uma variedade de tipos de estudos, como revisões de literatura, casos clínicos, e estudos retrospectivos e prospectivos. **Resultados e Discussões:** Os artigos analisados abordam amplamente a oncologia clínica e o tratamento do câncer, representando 52% do total. A educação em oncologia, entrelaçada com a saúde pública, é discutida em 8% dos artigos. Temas relacionados à patologia e citogenética compreendem 12%, enquanto os cuidados de enfermagem em oncologia são explorados em 24% dos estudos. Além disso, 4% dos artigos tratam de metodologias de pesquisa científica e acadêmica. **Considerações Finais:** O enfermeiro oncologista, diante do desafio do diagnóstico, desempenha função vital ao auxiliar os pacientes no enfrentamento de emoções intensas, reconhecendo a importância do cuidado emocional na jornada oncológica.

Palavras-chave: enfermagem oncológica; suporte emocional; diagnóstico de câncer; impacto emocional; acolhimento do paciente oncológico.

ABSTRACT

Introduction: Malignant neoplasms require specialized care, and the oncologist nurse plays an important role in offering emotional support and monitoring during treatment.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade FacMais de Ituiutaba, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Enfermagem, no primeiro semestre de 2024.

² Acadêmica do 10º Período do curso de Enfermagem pela Faculdade FacMais de Ituiutaba. E-mail: adriana.machado@aluno.facmais.edu.br

³ Acadêmica do 10º Período do curso de Enfermagem pela Faculdade FacMais de Ituiutaba. E-mail: milene.santos@aluno.facmais.edu.br

⁴ Professora Orientadora. Docente no curso de Enfermagem pela Faculdade FacMais de Ituiutaba. Especialista em Saúde pública pela Universidade Norte do Paraná. E-mail: thais.barbosa@facmais.edu.br

In addition to clinical management, its activities aim to promote patient well-being, providing information and coordinating care, essential to face the challenges of the condition. **Objective:** Develop effective strategies for emotional intervention, including identifying the strategies employed and analyzing patients' perceptions to improve support. **Methodology:** Literature review with analysis of 50 articles, 35 were selected for detailed analysis, considering their relevance to the study. The articles chosen cover the period from 2002 to 2024 and include a variety of study types, such as literature reviews, clinical cases, and retrospective and prospective studies. **Results and Discussions:** The articles analyzed broadly address clinical oncology and cancer treatment, representing 52% of the total. Oncology education, intertwined with public health, is discussed in 8% of the articles. Topics related to pathology and cytogenetics comprise 12%, while nursing care in oncology is explored in 24% of studies. Furthermore, 4% of the articles deal with scientific and academic research methodologies. **Final Considerations:** The oncologist nurse, faced with the challenge of diagnosis, plays a vital role in helping patients cope with intense emotions, recognizing the importance of emotional care in the oncological journey.

Keywords: oncology nursing; emotional support; cancer diagnosis; emotional impact; reception of cancer patients.

1 INTRODUÇÃO

O termo “câncer” refere-se a neoplasias malignas, demandando cuidados especializados. O enfermeiro oncologista desempenha papel essencial, indo além da gestão clínica para fornecer suporte emocional e acompanhamento integral ao paciente durante o tratamento. Compreendendo as especificidades da doença, contribui significativamente para a promoção do bem-estar, oferecendo informações e coordenação de cuidados. Essa atuação é fundamental para otimizar a qualidade de vida do paciente ao enfrentar o câncer, estabelecendo uma relação de confiança crucial para superar os desafios dessa condição de saúde (Abbas *et al.*, 2013; Abbas; Aster; Kumar, 2017; Valero *et al.*, 2023).

A delimitação cuidadosa desse tema abrange a análise específica das práticas existentes, avaliando a eficácia percebida e explorando as percepções dos pacientes sobre o suporte emocional fornecido.

Baseado em uma revisão de literatura, buscou-se abordar o objetivo primordial desta pesquisa, a saber: o reconhecimento de estratégias de intervenção e suporte emocional eficazes por parte da equipe de enfermagem para pacientes oncológicos. Para atingir esse propósito, foram estabelecidos objetivos específicos que consistem em identificar as estratégias de intervenção emocional atualmente empregadas pela

equipe de enfermagem no suporte a pacientes oncológicos e analisar as percepções e necessidades específicas dos pacientes oncológicos em relação ao suporte emocional oferecido pela equipe de enfermagem.

A justificativa para esse estudo baseia-se na compreensão de que o diagnóstico de câncer desencadeia reações emocionais intensas, como medo, ansiedade e depressão. Nesse contexto, a equipe de enfermagem apoia emocionalmente, dada a proximidade e a frequência do contato com os pacientes. Reconhece-se, assim, a importância do bem-estar psicológico na jornada oncológica, justificando a necessidade de desenvolver abordagens específicas para lidar com os desafios emocionais enfrentados pelos pacientes.

A pergunta de pesquisa que norteia este estudo é a seguinte: “Quais são as estratégias mais eficazes de intervenção e suporte emocional empregadas pela equipe de enfermagem para atender às necessidades emocionais de pacientes oncológicos, e como essas estratégias podem ser aprimoradas para otimizar o cuidado emocional durante o tratamento?” Essa pergunta direciona a investigação para a identificação de práticas que possam ser aprimoradas, visando proporcionar um cuidado emocional mais eficiente e personalizado aos pacientes oncológicos. Por fim, frente ao diagnóstico desafiador, o enfermeiro oncológico desempenha um papel fundamental ao auxiliar os pacientes no enfrentamento de emoções intensas, como medo, ansiedade e estresse relacionados ao tratamento.

1.1 Diretrizes e recomendações para a prática clínica da enfermagem oncológica

As Diretrizes para a Prática Clínica da Enfermagem Oncológica são fundamentais na orientação dos cuidados a pacientes com câncer, proporcionando um guia prático e informado para os profissionais envolvidos. Destacam-se pela ênfase na avaliação abrangente, incluindo aspectos emocionais e sociais para personalizar os planos de cuidados. A comunicação efetiva é enfatizada como componente crucial, visando oferecer suporte emocional e garantir compreensão adequada das informações (Vieira *et al.*, 2022).

A administração segura de medicamentos, como quimioterapia, é destacada nas diretrizes, enfocando procedimentos adequados, monitoramento dos efeitos colaterais e educação do paciente sobre o gerenciamento de reações adversas. A promoção do autocuidado e assistência durante transições, como a fase pós-

tratamento, é central, com estratégias delineadas para enfrentar desafios físicos e emocionais (Vieira *et al.*, 2022).

As diretrizes também enfatizam a importância da atualização contínua dos profissionais, promovendo o desenvolvimento de habilidades para adaptar-se às mudanças na prática clínica oncológica. Em resumo, esse recurso valioso oferece uma orientação prática e fundamentada para a entrega de cuidados de qualidade e compassivos aos pacientes durante sua jornada de enfrentamento do câncer (Vieira *et al.*, 2022).

Apesar do reconhecimento da complexidade envolvida no trabalho com pacientes oncológicos, no Brasil, o Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), conforme estabelecido no Decreto 94.406/87 de 2016, que regulamenta a Lei n. 7.498/86 sobre o exercício da enfermagem, proíbe a atuação de atendentes de enfermagem. No entanto, não é exigido que os profissionais tenham especialização na área, permitindo que o atendimento seja realizado por profissionais de nível técnico ou generalistas (Oliveira *et al.*, 2015).

O Sistema Único de Saúde (SUS), no Brasil, disponibiliza tratamentos gratuitos e amplos para pacientes oncológicos, cobrindo desde o diagnóstico até cuidados paliativos. Hospitais e clínicas especializadas oferecem cirurgias, radioterapia, quimioterapia e medicamentos essenciais, assegurando acesso equitativo e qualidade no cuidado, evidenciando o compromisso do sistema de saúde com o tratamento eficaz e gratuito do câncer (Brasil, 2019).

O tratamento oncológico, por ser de alta complexidade assistencial, demanda dos profissionais de enfermagem uma avançada habilidade técnica, afetiva e emocional, considerando as necessidades específicas e individuais dos pacientes. A qualificação profissional não apenas beneficia o paciente e a comunidade em que o profissional atua, elevando o nível do serviço prestado, mas também contribui para o desenvolvimento da carreira do profissional de enfermagem (Lins; Souza, 2018).

Atualmente, a escassez de profissionais de enfermagem qualificados na área da oncologia é evidente, devido à demanda crescente na saúde e às transformações na sociedade. Isso impulsiona as instituições e serviços de saúde a buscarem a qualificação desses profissionais para suprir a demanda por um tratamento de excelência (Garcia *et al.*, 2020).

Profissionais de enfermagem frequentemente vivenciam situações conflituosas, predispostas pelas perdas frequentes de pacientes. Essa pressão

psicológica é agravada pela relação direta com doenças graves, gerando um maior envolvimento emocional com os desafios vividos pelos pacientes (Alves; Silva; Bittencourt, 2022).

Nesse sentido, o trabalho de Santana e Lopes (2007), estabelece competências essenciais para enfermeiras especialistas em oncologia, abrangendo cuidados básicos, gestão, consultoria, formação, pesquisa e auditoria. Ademais, os autores enfatizam a aplicação de conhecimento especializado, técnicas avançadas e a capacidade de desafiar práticas existentes. As enfermeiras especialistas são esperadas para gerenciar cuidados, contribuir para políticas multidisciplinares, atuar como fonte especializada na gestão de clientes, fornecer aconselhamento especializado, contribuir para a supervisão clínica, identificar necessidades formativas, e participar ativamente em estudos e projetos de pesquisa. Essas competências refletem a abordagem abrangente e avançada desejada nesse papel, evidenciando sua atuação multifacetada na oferta de cuidados de alta qualidade, gestão eficiente, consultoria especializada, formação contínua e contribuição para a pesquisa em saúde.

1.2 Epidemiologia

A incidência de neoplasias malignas, ou cânceres, está aumentando em todo o mundo e esse crescimento tem sido associado a uma alta taxa de mortalidade. Esse aumento na ocorrência de câncer pode ser atribuído a várias mudanças no estilo de vida moderno (Castro *et al.*, 2023).

De acordo com os registros apontados por Castro *et al.* (2023), a incidência do câncer no Brasil foi estimada em uma média de 625 mil novos casos de neoplasias malignas por ano entre 2020 e 2022. Este aumento significativo destaca a importância de se focar em estratégias de prevenção e tratamento para lidar com a crescente carga da doença no país. Os tipos de câncer mais comuns são o câncer de pele, seguido pelos cânceres de mama, próstata, reto, cólon, pulmão e estômago.

O câncer de pele é o mais incidente, frequentemente associado à exposição excessiva ao sol sem proteção adequada. Já o câncer de mama é o mais comum entre as mulheres e é frequentemente detectado através de mamografias e exames de rotina. O câncer de próstata, um dos mais frequentes entre os homens, geralmente é diagnosticado através de exames de sangue e toque retal.

O câncer colorretal, que inclui os cânceres de reto e cólon, está associado a dietas pobres em fibras e ricas em gorduras, além de fatores genéticos. O câncer de pulmão, fortemente ligado ao tabagismo, mas também presente em não-fumantes, continua sendo um dos mais letais. O câncer de estômago, por sua vez, está associado a fatores como infecção por *Helicobacter pylori*, dieta e fatores genéticos (Castro *et al.*, 2023).

Em 2019, a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), encontrou 4.072 casos de câncer no Brasil em pessoas maiores de 18 anos. Esse número reforça a importância do monitoramento contínuo e da implementação de políticas públicas eficazes para a prevenção e o tratamento do câncer. De acordo com o documento *World Cancer Report 2014*, publicado pela *International Agency for Research on Cancer*, foram estimados mais de 20 milhões de novos casos de câncer para o ano de 2025. Esse dado evidencia que o câncer é um problema de saúde pública mundial, afetando principalmente os países em desenvolvimento, onde os recursos para diagnóstico e tratamento são frequentemente limitados.

Corroborando a pesquisa de Castro *et al.* (2023), os dados apontados por Silva *et al.* (2024), no contexto brasileiro, indicam a ocorrência de aproximadamente 625 mil novos casos de câncer por ano, no período de 2020 a 2022. Este número alarmante reflete a crescente prevalência da doença no país e destaca a necessidade de um enfoque robusto na prevenção, diagnóstico precoce e tratamento adequado.

Mundialmente, as leucemias correspondem a cerca de 2,5% dos novos casos de câncer diagnosticados anualmente, de acordo com Huang *et al.* (2022).

Em 2020, foram registrados 474.519 casos de leucemia em todo o mundo. Esse número reflete a significativa carga dessa doença hematológica, que afeta tanto crianças quanto adultos, com diferentes tipos e subtipos apresentando variações na incidência e na agressividade (Cruz *et al.*, 2024).

No que diz respeito à mortalidade, em 2020, houve 311.594 óbitos atribuídos à leucemia. Este dado coloca a leucemia como a décima primeira principal causa de mortalidade entre os cânceres, conforme relatado por Du *et al.* (2022). A alta taxa de mortalidade associada à leucemia se deve, em parte, à natureza agressiva de muitos subtipos da doença e à complexidade do tratamento, que frequentemente envolve quimioterapia intensiva, terapia direcionada e transplantes de medula óssea.

Essas estatísticas sublinham a necessidade de investimentos contínuos em pesquisa para desenvolver tratamentos mais eficazes e menos tóxicos, bem como a importância de programas de diagnóstico precoce e acompanhamento adequado dos pacientes. A compreensão das causas e dos mecanismos subjacentes às leucemias também é crucial para a criação de estratégias preventivas e terapêuticas mais eficazes (Cruz et al., 2024).

De acordo com dados do Instituto Nacional de Câncer (INCA), o câncer de mama é o mais incidente entre as mulheres no Brasil, com aproximadamente 73.610 novos casos estimados para o ano de 2023 (INCA, 2023). A taxa ajustada de incidência é de 27,73 casos por 100.000 mulheres, excluindo-se os tumores de pele não melanoma. Este alto índice de novos casos reflete a prevalência significativa do câncer de mama na população feminina brasileira, tornando-o uma preocupação de saúde pública prioritária.

Além de ser o mais frequente, o câncer de mama é também a principal causa de morte por câncer entre as mulheres em todas as regiões do Brasil, com exceção da região Norte, onde o câncer de colo de útero é mais prevalente. As taxas de mortalidade por câncer de mama são mais elevadas entre as mulheres de idade mais avançada. No entanto, a mortalidade proporcional é maior no grupo etário de 50 a 69 anos, que representa cerca de 45% do total de óbitos por esse tipo de câncer (INCA, 2023).

Esses dados ressaltam a importância de medidas preventivas e de diagnóstico precoce. A mamografia, por exemplo, é uma ferramenta essencial para a detecção precoce do câncer de mama, aumentando significativamente as chances de tratamento bem-sucedido e sobrevivência. Além disso, programas de conscientização e campanhas educativas sobre a importância do autoexame e dos exames regulares são cruciais para reduzir a mortalidade associada ao câncer de mama (INCA, 2023).

Ademais, de acordo com o Instituto Nacional do Câncer (INCA), mais de 700 mil novos casos de câncer são esperados no Brasil durante o triênio de 2023 a 2025. Este número impressionante reflete a crescente prevalência de câncer no país, sublinhando a importância de ações abrangentes para enfrentar essa doença complexa.

Considerado uma enfermidade crônico-degenerativa, o câncer afeta uma grande quantidade de pessoas ao redor do mundo, sendo a segunda causa de morte global. Em 2018, o câncer foi responsável por 9,6 milhões de mortes, destacando-se

como uma preocupação significativa de saúde pública (OPAS, 2022). Esse alto índice de mortalidade reflete a gravidade e a complexidade da doença, que exige atenção constante e estratégias eficazes de prevenção, diagnóstico e tratamento.

Prado *et al.* (2024) salientam que, na oncologia pediátrica, o câncer abrange todas as neoplasias malignas que afetam indivíduos com idade inferior a 19 anos. Esta área é particularmente crítica, pois é responsável por mais de 400.000 novos diagnósticos de câncer a cada ano em todo o mundo. O câncer infantojuvenil apresenta desafios únicos, pois os tipos de câncer mais comuns nessa faixa etária diferem dos encontrados em adultos, e o impacto psicológico e social da doença é substancial para os jovens pacientes e suas famílias.

No Brasil, de acordo com o Instituto Nacional de Câncer (INCA), para o triênio que compreende os anos de 2023 a 2025, as estimativas apontam para a ocorrência de 7.930 novos casos de câncer infantojuvenil. Esse dado ressalta a necessidade de atenção especial à oncologia pediátrica no país. O diagnóstico precoce e o acesso a tratamentos especializados são fundamentais para melhorar as taxas de sobrevivência e a qualidade de vida desses jovens pacientes.

De acordo com Lima *et al.* (2023) pesquisas revelam que o câncer de fígado está entre os 10 tipos mais comuns na região Norte do país, sendo associado a infecções hepáticas e doenças hepáticas crônicas. Enquanto isso, o câncer de pâncreas figura entre os 10 mais incidentes na região Sul, com obesidade e tabagismo sendo os principais fatores de risco. No contexto nacional, o tumor maligno mais frequente é o de pele não melanoma, correspondendo a 31,3% do total de casos registrados, seguido pelo câncer de mama feminina (10,5%), próstata (10,2%), cólon e reto (6,5%), pulmão (4,6%) e estômago (3,1%).

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 O câncer

O termo “câncer” é frequentemente utilizado para descrever neoplasias malignas ou tumores malignos, intercambiável com “neoplasia”. O sistema imunológico, eficiente na reposição celular, enfrenta desafios com a divisão celular descontrolada, resultando em crescimento excessivo (Valero *et al.*, 2023).

A palavra neoplasia significa: neo (novo) + plasia (crescimento), “novos crescimentos”, ou ainda, “neoformação”. O sistema imune trabalha de forma eficaz na multiplicação e reposição das células que morrem. A característica problemática dessa patologia está na sua divisão celular descontrolada, com crescimento excessivo, progressivo e ilimitado. Essas células com perda ou redução de diferenciação, em consequência de alterações em genes e proteínas que regulam a multiplicação e a diferenciação das células, conseguem evitar a apoptose, tornando a proliferação constitutiva. (Abbas; Aster; Kumar, 2013; Silva *et al.*, 2023).

Neoplasias benignas, de crescimento lento e organizado, não se espalham e não são letais. Abbas *et al.* (2017) diferenciam neoplasias benignas e malignas, classificando carcinomas, sarcomas, leucemias, linfomas e tumores do sistema nervoso central.

Carcinomas, originários de células epiteliais, migram para tecidos vizinhos, abrangendo cânceres comuns como os de mama, pulmão e próstata (Barros; Fochesatto Filho, 2013). Sarcomas, neoplasias malignas de tecidos moles, afetam ossos, cartilagens e músculos, sendo frequentes em crianças (Couto; Nelson, 2015). Leucemias, caracterizadas por células blásticas na medula óssea, prejudicam a produção sanguínea (Maluf; Riegel, 2011). Linfomas atingem o sistema linfático, enquanto o mieloma afeta células plasmáticas na medula óssea (Rubbin, 2003).

De acordo com dados apresentados por Santos, Domingos e Ártico (2019), a epidemia global de câncer persiste em crescer, com projeções alarmantes de 18,1 milhões de novos casos e 9,6 milhões de mortes em 2022. Esses números destacam a magnitude do desafio enfrentado pela saúde pública. A incidência é significativa, com estimativas indicando que aproximadamente 1 em cada 5 homens e 1 em cada 6 mulheres desenvolverão câncer ao longo de suas vidas. Apesar dos avanços na pesquisa e tratamento, a taxa de mortalidade continua elevada. Estimativas sugerem que mais de um terço das mortes por câncer poderiam ser evitadas, sublinhando a urgência de estratégias de prevenção, diagnóstico precoce e intervenções eficazes para combater esse impacto devastador na saúde global

2.2 Aspectos emocionais do diagnóstico

O primeiro obstáculo a ser enfrentado pelo paciente oncológico é lidar com o diagnóstico e os estigmas que o acompanham, ainda que hoje, com o avanço da

medicina, as taxas de sobrevivência tenham aumentado, os pacientes e seus familiares ainda associam o câncer à morte ou a um tratamento longo e doloroso.

O diagnóstico do câncer tem usualmente um efeito devastador. Ele ainda traz a ideia de morte, embora atualmente ocorram muitos casos de cura. Traz o medo de mutilações e desfiguramento, dos tratamentos dolorosos e das muitas perdas provocadas pela doença. Esta situação de sofrimento conduz a uma problemática psíquica com características específicas. (Carvalho, 2022, p. 10).

Dessa forma, o diagnóstico de câncer geralmente desencadeia uma série de reações emocionais intensas, incluindo medo, ansiedade, estresse e depressão, que influenciam o tratamento bem como a própria vida e bem-estar do paciente. Portanto, a enfermagem compreender e abordar as necessidades emocionais dos pacientes com oncológicos é fundamental para oferecer um cuidado integral e de qualidade, visando não apenas a cura física, mas também o bem-estar psicológico e emocional dos pacientes (Costa *et al.*, 2020).

3 METODOLOGIA

A metodologia adotada na condução deste estudo consistiu-se na aplicação de uma revisão integrativa da literatura. Esse método envolve a análise e síntese de uma ampla variedade de fontes de pesquisa sobre o tema em questão, com o intuito de oferecer uma compreensão abrangente e aprofundada do papel desempenhado pelo enfermeiro no manejo do impacto emocional enfrentado pelo paciente após receber o diagnóstico de câncer (Camargo Jr. *et al.*, 2023).

A revisão integrativa é um tipo de revisão da literatura que busca investigar minuciosamente e combinar estudos de diversas metodologias, incluindo tanto delineamentos experimentais quanto não experimentais, a fim de integrar seus resultados. Por esse motivo, ela pode ser aplicada em diversas áreas do conhecimento, mantendo o rigor metodológico característico das revisões sistemáticas. Esse método é capaz de unir dados da literatura baseados em observações práticas com aqueles provenientes de estudos tecnicizados ou cientificamente comprovados, possibilitando a produção de conceitos ou a identificação de questões ainda não exploradas em diferentes campos de estudo, ampliando consideravelmente as possibilidades de análise da literatura (Camargo Jr. *et al.*, 2023).

Essa ferramenta do conhecimento permite a inclusão simultânea de pesquisas empíricas ou quase empíricas ao associar dados de literatura teórica e experimental, o que favorece uma compreensão mais abrangente do tema abordado. A diversidade na composição de amostras da revisão integrativa, aliada à multiplicidade desse método, resulta em achados relevantes para a formação de um contexto integrativo com conceitos, teorias ou problemas relacionados ao cuidado em saúde (Camargo Jr. *et al.*, 2023).

Entretanto, para a construção adequada de uma revisão integrativa, é fundamental seguir seis etapas distintas. Primeiramente, é necessário identificar o tema da revisão e determinar a hipótese ou questão de pesquisa. Em seguida, estabelecem-se critérios para inclusão e exclusão dos estudos presentes na literatura. Posteriormente, define-se quais informações serão extraídas dos estudos selecionados. Após a seleção dos estudos, é realizada a avaliação de sua qualidade. Em seguida, os resultados são interpretados e, por fim, os dados são apresentados na forma de uma revisão ou síntese do conhecimento. Essas etapas garantem a robustez e a coerência do processo de revisão integrativa (Camargo Jr. *et al.*, 2023).

Os artigos selecionados foram pesquisados nas bases de dados eletrônicas Google Acadêmico, SciELO, PubMed e Lilacs, utilizando as palavras-chave: “Neoplasias”, “Diagnóstico”, “Psicoemocional”, “Enfermagem”, em português e inglês. A pesquisa foi implementada com livros, teses, monografias de outras bibliotecas digitais produzidas por Universidades de vários estados brasileiros, relevantes na área da enfermagem oncológica. Essa busca extensiva permitiu a identificação de estudos que abordem diretamente o tema de interesse, sobre aspectos relacionados ao papel do enfermeiro no suporte emocional aos pacientes diagnosticados com câncer.

Foram consultados 50 artigos sobre o tema abordado. Desses, foram selecionados 35 para análise, considerando os estudos mais relevantes, entre 2002 e 2024, incluindo revisões de literatura, casos clínicos, estudos retrospectivos e prospectivos.

Os critérios de exclusão foram publicações de *blogs*, resumos expandidos, estudos que não se referenciam sobre a temática em escolha e estudos fora da cronologia apontada.

Após a coleta dos artigos, foram aplicados critérios de seleção rigorosos para garantir a inclusão apenas de estudos relevantes e de alta qualidade. Esses critérios incluíram a data de publicação, o tipo de estudo (como revisões sistemáticas, estudos

qualitativos ou quantitativos) e a relevância dos resultados para os objetivos específicos do estudo. Dessa forma, foi possível obter uma amostra representativa e confiável da literatura disponível sobre o assunto.

Em seguida, os artigos selecionados foram cuidadosamente analisados e sintetizados, destacando os principais achados, tendências e lacunas na literatura em relação ao papel do enfermeiro no suporte emocional aos pacientes com câncer. Foram identificadas as diferentes abordagens e intervenções adotadas pelos enfermeiros para ajudar os pacientes a lidarem com o impacto emocional do diagnóstico de câncer, bem como os resultados dessas intervenções em termos de bem-estar emocional, qualidade de vida e adesão ao tratamento.

Por fim, os resultados da revisão integrativa foram apresentados de forma clara e objetiva, fornecendo uma visão abrangente do estado atual do conhecimento sobre o tema e destacando possíveis direções para pesquisas futuras na área da enfermagem oncológica. Essa análise crítica e reflexiva contribuiu para ampliar a compreensão sobre o papel desempenhado pelos enfermeiros no suporte emocional aos pacientes durante o processo de enfrentamento do câncer.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Depressão

O paciente oncológico enfrenta, desde momento do diagnóstico, mudanças físicas e psicológicas provocadas pelo câncer, tais mudanças são claramente perceptíveis e têm um impacto significativo, destacando-se especialmente a ansiedade e a depressão. Esses aspectos emocionais frequentemente persistem ao longo do tratamento (Souza *et al.*, 2012).

As alterações psicológicas podem estar ligadas aos efeitos colaterais decorrentes das terapias, como a queda de cabelo, os episódios de vômito e outras modificações corporais que, mesmo que temporárias, podem contribuir para a persistência da depressão.

A depressão é uma condição de saúde mental de grande relevância que demanda atenção especial. É um transtorno comum caracterizado por sintomas como humor deprimido, perda de interesse ou prazer, sentimento de culpa, baixa autoestima, perturbações do sono e do apetite, bem como diminuição da energia e da

concentração. Esses sintomas podem se tornar crônicos ou recorrentes, acarretando prejuízos significativos na capacidade da pessoa de desempenhar suas atividades cotidianas. Estudos identificaram uma associação entre dor, depressão e o risco de suicídio em pacientes com câncer (Souza *et al.*,2012).

Ainda assim, por vezes os sinais de depressão são ignorados por pacientes, familiares e inclusive equipe médica. Os sinais da depressão confundem-se com os sintomas decorrentes do tratamento oncológico e, em muitos casos, tem-se a percepção de que o otimismo é necessário para vencer a doença, o que leva pacientes a evitar falar sobre suas angústias e temores (Souza *et al.*,2012).

Mesmo sendo recorrente nesses pacientes, esse transtorno psiquiátrico muitas vezes não é diagnosticado ou tratado adequadamente. O paciente com câncer tende a não falar sobre os sintomas depressivos e o oncologista tende a não o questionar (Souza *et al.*, 2012, p. 62).

A equipe de enfermagem, por vezes tem um contato mais próximo com paciente e familiares, sendo de suma importância o atendimento humanizado e respeito ao momento enfrentado pelo paciente. A enfermagem pode e deve acolher esse paciente durante seus procedimentos e idas ao local de tratamento (Costa *et al.*, 2020).

De acordo com Souza (2015), cabe à equipe de enfermagem, no manejo do paciente oncológico: analisar o nível de ansiedade e os mecanismos de enfrentamento do paciente e recomendar estratégias para diminuir a ansiedade, como a prática de exercícios de respiração profunda e a visualização de uma recuperação bem-sucedida da cirurgia e do câncer; facilitar encontros com um conselheiro espiritual, caso o paciente assim deseje; organizar reuniões entre o paciente, sua família e profissionais de saúde, como médicos e enfermeiros, para discutir o tratamento e o prognóstico; contribuir para a redução do medo ao fornecer informações precisas sobre o procedimento a ser realizado cirúrgico; e promover o conforto do paciente através de uma abordagem relaxada, profissional e empática.

4.2 Ansiedade

A ansiedade aparece como sintoma comum em pacientes oncológicos. Conforme estudo conduzido por Salvetti *et al.* (2020), 31,8% dos pacientes oncológicos apresentam ansiedade. Ainda assim, o tema é pouco falado no meio acadêmico e de pesquisa.

Há poucos estudos no cenário nacional sobre a prevalência de depressão e ansiedade em pacientes oncológicos, com taxas que variam de 25% a 40% e tendências mais elevadas em pacientes em tratamento quimioterápico (Salveti *et al.*, 2020 p. 2).

O diagnóstico, tratamento e o receio de recorrência exercem um impacto psicológico significativo nos pacientes com câncer, influenciando diretamente na qualidade de vida. Foi observado que o medo da recorrência da doença é uma das principais fontes de preocupação entre esses pacientes. Um estudo revelou que aqueles que experimentavam sintomas mais intensos, como fadiga, dor e preocupações com a imagem corporal, tendiam a manifestar um medo maior de que o câncer retornasse. Esses achados ressaltam a importância da gestão adequada dos sintomas para enfrentar a doença, embora haja uma lacuna no controle efetivo desses sintomas (Salveti *et al.*, 2020).

Os sintomas de ansiedade e depressão podem variar conforme o estágio do tratamento e a progressão da doença, impactando negativamente na qualidade de vida, na adesão ao tratamento e na capacidade de autocuidado. Pacientes ansiosos ou deprimidos também podem apresentar comprometimento da funcionalidade, o que influencia outros sintomas e diminui o desejo de prosseguir com a vida. (Salveti *et al.*, 2020).

4.3 Estresse

De acordo com Mello Filho e Burd (2010), o estresse é outro fator recorrente quando se fala de oncologia. Ele está presente no paciente além de afetar também a equipe médica.

Estresse é o estado de tensão de um organismo que de alguma forma se sente ameaçado em sua integridade. A resposta adaptativa se faz por um conjunto de reações físicas, psíquicas e comportamentais a que Selye chamou de síndrome geral de adaptação. Respostas inadequadas ou excessivas constituem as chamadas doenças de adaptação. Há muitos trabalhos que relacionam estresse à doença, sendo razoável supor que todos nós, quando submetidos a uma carga excessiva de agentes estressantes, apresentemos sintomas ou doenças físicas (Mello Filho; Burd, 2010, p. 321).

O câncer apresenta uma complexidade em sua origem, sendo inadequado atribuir sua causa a um único fator, especialmente após eventos de perda ou estresse. Diversos elementos estão envolvidos nesse contexto, incluindo predisposição

genética, funcionamento do sistema imunológico, exposição a agentes ambientais (como raios ultravioleta e nicotina), hábitos alimentares, infecções virais e fatores psicológicos. Além disso, o câncer não reflete apenas aspectos biológicos, mas também influências sociais, familiares e interpessoais, sendo integralmente conectado à totalidade da pessoa. Não obstante, a questão do estresse permeia as relações do paciente com a doença em si, com seus familiares e com a própria equipe médica, incluindo-se obviamente a enfermagem (Mello Filho; Burd, 2010).

De acordo com Camargo (2000), torna-se evidente que pensar no paciente oncológico e em seu progresso perpassa por entender o ser humano como corpo e mente, incluindo os efeitos das relações sociais, e as formas de seu acolhimento durante o tratamento.

4.4 Assistência da enfermagem em oncologia

A enfermagem em oncologia deve priorizar a prestação de cuidados que visem à melhoria da qualidade de vida do paciente, indo além da busca pela cura em si. Dessa forma a assistência ao paciente oncológico deve ser responsável e empática (Salveti *et al.*, 2020).

Assistir em oncologia visa proporcionar à pessoa um aumento da expectativa de vida com qualidade e não simplesmente a cura da doença. Mesmo atuando sob o modelo biomédico, o cuidado de enfermagem, por sua vez, tem, em sua essência, assistir ao ser humano em sua totalidade, observando a relação bio-sociocultural. Portanto, a assistência de enfermagem no cotidiano do cuidar deve se refletir numa atuação de qualidade direcionada para o ensino do autocuidado, com o objetivo de resguardar a autonomia e a melhoria da qualidade de vida dos clientes e, ainda, permitindo reconhecimento e a valorização do profissional ao estabelecer uma relação positiva e empática entre quem cuida e quem é cuidado. (Amâncio; Campos, 2009).

O câncer possui uma origem complexa, não sendo atribuível a um único fator, especialmente após situações de perda ou estresse. Vários elementos, como predisposição genética, sistema imunológico, exposição ambiental, hábitos alimentares, infecções virais e fatores psicológicos, desempenham papéis interligados. Além disso, o câncer reflete não apenas aspectos biológicos, mas também influências sociais, familiares e interpessoais (Fanani *et al.*, 2022).

Desse modo, espera-se que a prática de enfermagem no cotidiano do cuidado deva manifestar-se como uma atuação de excelência, que preconiza o ensino do autocuidado para fortalecer a autonomia e melhorar a qualidade de vida dos

pacientes. Assim, tal prática proporcionará o reconhecimento e a valorização dos profissionais de enfermagem, na medida em que estabelece uma relação positiva e empática entre cuidador, família e paciente (Fanan *et al.*, 2022).

Carvalho (2002) aponta que:

Os profissionais de Saúde que atendem os pacientes oncológicos, responsáveis por tratamentos invasivos, mutiladores, agressivos, que infringem grande sofrimento e nem sempre levam a recuperação e cura, também necessitam ajuda psicológica. Os profissionais de Saúde apresentam, em grande número, um alto nível de estresse (Carvalho, 2002, p.159).

O profissional de enfermagem, por vezes demonstra-se alheio a essas questões, por achar que o distanciamento do paciente é a melhor forma de “profissionalismo”, dado que muitos sentem a perda de um paciente querido.

Ao longo dos processos de trabalho no cuidado ao paciente oncológico, somam-se condições que podem se transformar em gatilhos para o desenvolvimento da síndrome de *burnout*, dentre elas: o estigma social sobre a doença; a frequente associação com a morte, sofrimento e castigo; elevado número de casos de mau prognóstico; e o estresse inerente a profissão (Camargo, 2000).

Desse modo, fatores estressantes devem ser analisados cuidadosamente, no que diz respeito aos pacientes e a equipe de saúde em si. Ao se considerar a íntegra do processo de tratamento, deve-se considerar não somente o paciente, como também os profissionais que estão em contato direto com esse paciente (Camargo, 2000).

Ao examinar o mercado de trabalho e as diversas esferas de atuação do enfermeiro, fica evidente que a competência profissional é um requisito fundamental. Isso implica que o enfermeiro deve cultivar um pensamento crítico e reflexivo, capaz de revelar a realidade e propor intervenções transformadoras no cuidado aos indivíduos.

Essa abordagem visa garantir a qualidade da assistência fornecida e a satisfação tanto dos pacientes quanto de seus familiares. Diante dessas considerações, ressaltamos a importância de que o enfermeiro que trabalha em unidades oncológicas possua um perfil pessoal e profissional que lhe permita desempenhar suas funções de forma eficaz, integrando conhecimento técnico-científico, humanização e personalização do cuidado (Santos *et al.*, 2015).

4.5 Importância do suporte emocional

O profissional de enfermagem oncológica deve ser capacitado a fim de compreender que o ser humano não é apenas um amontoado de células, e a doença ou saúde, resultados de reações bioquímicas em seu corpo físico (Costa *et al.*, 2020).

A noção de que o corpo e a mente são partes de um organismo e que saúde e fruto deste equilíbrio entre as partes do indivíduo e deste com o meio ambiente, já estava presente nos pais da Medicina Ocidental, Hipócrates e Galeno. Este chegou a observar que mulheres deprimidas apresentavam maior incidência de câncer (Carvalho, 2002).

Desse modo, é necessário tratar o paciente oncológico em sua integralidade; mente e corpo. Assim, proporcionar suporte emocional é altamente recomendável tanto quanto é eficaz. O enfermeiro que trabalha em unidades hospitalares, especialmente aquelas que oferecem serviços especializados para pacientes com câncer, deve estar preparado para cuidar de todos os indivíduos com neoplasias, adotando uma abordagem que garanta sua integridade (Carvalho, 2002).

Para que as intervenções de enfermagem no cuidado ao paciente com câncer sejam eficazes e abrangentes em todos os níveis de atuação, é essencial que os profissionais possuam não apenas conhecimento técnico-científico, mas também habilidades interpessoais que facilitem a comunicação e o relacionamento com os pacientes. Isso promove ações de saúde e educação, visando a prevenção, detecção precoce e tratamento do câncer (Santos *et al.*, 2015).

Essa conscientização tem crescido dentro da comunidade médica, levando a reflexões sobre as maneiras adequadas de oferecer assistência aos pacientes que sobrevivem ao câncer e lidam com sequelas persistentes da doença. Além disso, essa conscientização também afeta a adesão ao tratamento daqueles que estão no início do processo logo após o diagnóstico (Santos *et al.*, 2015).

Os profissionais de saúde que acompanham pacientes com câncer têm demonstrado uma crescente preocupação com a qualidade de vida dos sobreviventes, o que implica em um cuidado abrangente que considere não apenas as dimensões físicas, mas também as psicológicas e sociais. Essa realidade demanda que os enfermeiros possuam conhecimento aprofundado sobre a progressão da doença, os tratamentos disponíveis e as implicações emocionais tanto para o paciente quanto para a família (Amâncio; Campos, 2009).

4.6 Formas de intervenção e apoio

Teresa Caldas Camargo, em sua tese de Doutorado apresentada a Escola de Enfermagem Anna Nery, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, afirma que:

O câncer, qualquer que seja sua etiologia, é reconhecido como uma doença crônico-degenerativa que atinge milhões de pessoas em todo o mundo, independente de classe social, cultura ou religião. O saber de que se é portador de câncer é em geral aterrador, pois apesar dos avanços terapêuticos permitindo uma melhoria na taxa de sobrevivência e qualidade de vida, permanece o estigma de doença dolorosa, incapacitante, mutilante e mortal. Em minha experiência profissional, percebo como é terrível para a pessoa receber o diagnóstico da doença. Em geral a informação é seguida por choro, medo e desespero frente a uma realidade que se mostra de imediato tão devastadora (Camargo, 2000).

Quando confrontados com o diagnóstico e o início do tratamento, os pacientes oncológicos enfrentam uma variedade de emoções, incluindo desamparo, medo e angústia. Muitos deles carecem de apoio familiar e se sentem incapazes de compartilhar seus temores. Alguns até ponderam a desistência, temendo a invasão de privacidade e a solidão do tratamento. Diante dessa situação, é essencial que a equipe de enfermagem esteja preparada para oferecer apoio por meio de diversas formas de intervenção (Costa *et al.*, 2020).

Uma das formas de apoio, segundo Amâncio e Campos (2009), implica em o profissional conhecer não só sobre a patologia, mas também em saber lidar com os sentimentos dos outros e com as próprias emoções perante as doenças, com ou sem possibilidade de cura. O enfermeiro oncológico deve estar pronto para dar apoio ao paciente e sua família durante uma diversidade de crises físicas, emocionais, sociais, culturais e espirituais. O alcance dos objetivos almejados envolve oferecer um apoio realista aos clientes submetidos ao tratamento, usando modelos assistenciais e o processo de enfermagem com base nesse tratamento.

4.7 Impactos da assistência da enfermagem na progressão positiva do paciente

A assistência da enfermagem exerce um papel vital no avanço positivo do paciente. Os efeitos desse cuidado são amplos e vão além da abordagem direta das condições físicas. A presença constante e dedicada dos profissionais de Enfermagem oferece apoio emocional, estabelecendo uma relação de confiança e proporcionando conforto ao paciente (Neri; Felis; Sandim, 2020).

Além disso, a competência técnica dos enfermeiros é essencial para garantir a eficácia dos procedimentos clínicos, monitorando atentamente a resposta do paciente às terapias e administrando medicamentos conforme prescrição médica. A educação e orientação fornecidas pelos profissionais de Enfermagem capacitam o paciente a participar ativamente de seu tratamento, promovendo a compreensão do processo de cura e a adesão às práticas de autocuidado (Neri; Felis; Sandim, 2020).

A colaboração contínua com a equipe multiprofissional é uma dimensão relevante, permitindo uma visão integrada e abrangente. Essa interação facilita a identificação precoce de possíveis complicações e ajustes necessários no plano de cuidados, otimizando a resposta do paciente ao tratamento (Neri; Felis; Sandim, 2020).

Os benefícios da assistência de enfermagem na progressão do paciente são diversos e incluem aspectos emocionais, clínicos, educacionais e colaborativos. Essa atuação não só contribui para a recuperação física, mas também para o bem-estar geral do paciente, elevando a qualidade da assistência à saúde (Neri; Felis; Sandim, 2020).

4.8 O acolhimento, a assistência positiva da enfermagem e o bem-estar do paciente

A contribuição positiva da enfermagem desempenha um papel essencial no bem-estar do paciente. O cuidado dedicado e constante fornecido pelos profissionais de enfermagem não apenas visa às necessidades físicas, mas também influencia positivamente a experiência global do paciente durante o tratamento (Costa *et al.*, 2023).

A presença atenciosa e o suporte emocional oferecidos pelos enfermeiros criam um ambiente propício para o conforto e tranquilidade do paciente. Essa conexão pessoal estabelecida contribui para a construção de uma relação de confiança, que é fundamental para o equilíbrio emocional do indivíduo. A competência técnica dos enfermeiros desempenha um papel vital na eficácia dos procedimentos clínicos, assegurando que o paciente receba cuidados de qualidade. A atenção à resposta do paciente às terapias e a administração precisa de medicamentos são aspectos fundamentais que contribuem para a progressão positiva do tratamento (Costa *et al.*, 2023).

Além disso, a educação e a orientação fornecidas pelos profissionais de enfermagem capacitam o paciente a compreender melhor sua condição e a participar ativamente do processo de recuperação. Esse envolvimento promove a adesão às práticas de autocuidado, fortalecendo a autonomia do paciente (Costa *et al.*, 2023).

O diagnóstico de câncer gera impactos significativos na vida do paciente, muitas vezes associados à percepção da finitude, dor, tratamentos invasivos e morte, o que pode desencadear medo. Diante dessa realidade, o enfermeiro desempenha um papel fundamental no acolhimento ao oferecer assistência e apoio integral tanto ao paciente quanto à sua família (Lima; Oliveira; Silva, 2023).

É essencial compreender que tanto pacientes quanto familiares podem enfrentar crises em diversas dimensões de suas vidas, como física, emocional, social, cultural e espiritual. Nesse contexto, os objetivos da assistência enfermagem devem concentrar-se na criação de uma rede de apoio abrangente durante o tratamento. Para isso, o enfermeiro pode utilizar modelos assistenciais e o processo de enfermagem como guias para fornecer suporte personalizado e abrangente (Lima; Oliveira; Silva, 2023).

Lima, Oliveira e Silva (2023) ainda salientam que é fundamental reconhecer que o impacto do câncer pode se manifestar em diversas áreas da vida dos indivíduos, englobando aspectos físicos, emocionais, sociais, culturais e espirituais. Portanto, os objetivos da assistência devem visar à criação de uma rede de apoio completa durante o tratamento. Para isso, o enfermeiro pode adotar modelos assistenciais e utilizar o processo de enfermagem como base para orientar esse suporte de maneira personalizada e completa.

Além de acolher o paciente durante sua permanência na sala de exame, é fundamental destacar a importância da autoimagem no cuidado ao paciente oncológico. Enfrentar a doença, conforme o tratamento estabelecido, pode acarretar alterações significativas na imagem corporal do indivíduo. A Portaria nº 2439, de 12/2005, do Ministério da Saúde, estabelece estratégias para ações integradas de controle das neoplasias malignas, visando resgatar o respeito à vida humana por meio dessas iniciativas (Lima *et al.*, 2023).

Em 2005, foi instituída a Política Nacional de Atenção Oncológica, com o propósito de promover a prevenção, diagnóstico, tratamento, reabilitação e cuidados paliativos para pessoas afetadas pelo câncer. Estudos revelam que enfermeiros percebem uma abordagem diferenciada na assistência aos pacientes com câncer nas

unidades de pronto-socorro, em comparação com a população em geral. Isso se deve às particularidades do processo de adoecimento, que demandam uma intervenção específica, qualificada, humanizada e personalizada. Além disso, o modo como esses pacientes são atendidos também difere, uma vez que não necessitam passar pela central de regulação do hospital (Lima *et al.*, 2023).

Conforme abordado por Louzado *et al.* (2023), diante da complexidade e gravidade do diagnóstico de câncer, torna-se essencial realizar uma avaliação minuciosa do paciente e de sua família desde a fase diagnóstica, visando identificar suas necessidades biopsicossociais e espirituais de cuidado. O enfermeiro desempenha um papel fundamental nesse processo, utilizando a comunicação como ferramenta para ajudar os pacientes a lidarem com as preocupações e dificuldades emocionais decorrentes do câncer e de seu tratamento.

Além disso, quando o paciente se encontra em cuidados paliativos, uma comunicação eficaz proporciona apoio emocional aos membros da família e entes queridos, especialmente durante as diferentes fases do tratamento, a transição do paciente para um ambiente hospitalar e, por fim, o luto. Na terminalidade da vida, a enfermagem desempenha um papel afetivamente envolvido nos cuidados paliativos, garantindo que o paciente seja cuidado com dignidade até o final de sua vida, promovendo qualidade de vida (Louzado *et al.*, 2023).

Nesse contexto, a atuação do enfermeiro é extremamente relevante, pois a equipe de enfermagem permanece ao lado do paciente paliativo em tempo integral. Os enfermeiros desempenham um papel fundamental na interação entre a equipe de saúde e os familiares, proporcionando ao paciente o respeito à sua condição humana e à sua qualidade de vida, além de promover o alívio da dor e do sofrimento com um tratamento digno para o fim da vida. Para tanto, é necessário que o enfermeiro possua amplo conhecimento sobre sua atuação, incluindo o controle dos sintomas, o alívio da dor, o suporte emocional ao paciente e à família, e a promoção da dignidade e do conforto, entre outras atribuições (Louzado *et al.*, 2023).

4.9 Indexação dos artigos

Os artigos listados no Quadro 1 estão ligados aos temas de pesquisa explorados neste trabalho acadêmico específico, oferecendo um ponto de referência para o devido entendimento como esses artigos se relacionam com o tema.

Quadro 1 - Artigos estudados

Artigos	Conteúdo Abordado	Data de Publicação
(Carvalho, 2002) Psico-oncologia: história, características e desafios	História, características e desafios da psico-oncologia	2002
(Rubbin, 2003) Oncologia Clínica – Enfoque Multidisciplinario para Médicos y Estudiantes	Visão geral da oncologia clínica e suas práticas multidisciplinares	2003
(Santana; Lopes, 2007) O Cuidado Especializado Do Egresso Da Residência Em Enfermagem Do Instituto Nacional De Câncer – INCA	Cuidados específicos oferecidos a pacientes após a residência em enfermagem oncológica	2007
(Maluf; Riegel, 2011) Citogenética Humana	Estudo dos aspectos genéticos relacionados aos cromossomos humanos	2011
(Souza <i>et al.</i> , 2012) Pacientes em uso de quimioterápicos: depressão e adesão ao tratamento	Impacto da depressão na adesão ao tratamento em pacientes oncológicos	2012
(Abbas; Aster; Kumar, 2013) Patologia Básica	Introdução abrangente à patologia, abordando os princípios essenciais da disciplina	2013
(Barros; Fochesatto Filho, 2013) Medicina Interna na Prática Clínica	Abordagem prática e clínica da medicina interna, com foco na aplicação no dia a dia	2013
(Couto; Nelson, 2015) Medicina Interna de Pequenos Animais	Abordagem da medicina interna voltada para animais de pequeno porte	2015
(Oliveira <i>et al.</i> , 2015) Qualidade do cuidado: concepções de graduandos de enfermagem	Percepção dos graduandos de enfermagem sobre a qualidade do cuidado ao paciente	2015
(Abbas <i>et al.</i> , 2017) Robbins & Cotran Fundamentos de Patologia	Fundamentos essenciais da patologia, abrangendo conceitos básicos e fundamentais	2017
(Lins; Souza, 2018) Formação dos enfermeiros para o cuidado em oncologia	Preparação profissional dos enfermeiros para o cuidado específico em oncologia	2018
(Bezerra <i>et al.</i> , 2019) Oncologia: Atualização para graduação	Atualização dos conhecimentos em oncologia direcionada a estudantes de graduação	2019
(Brasil, 2019) Portaria nº 1399.	Critérios e parâmetros para habilitação de estabelecimentos de saúde em oncologia	2019
(Santos <i>et al.</i> , 2019) Carcinoma de pulmão de pequenas células: Revisão de Literatura	Revisão da literatura sobre o carcinoma de pulmão de pequenas células	2019
(Costa <i>et al.</i> , 2020) Sentimentos e expectativas de mulheres frente ao diagnóstico de câncer de mama	Impacto emocional do diagnóstico de câncer de mama em mulheres	2020
(Garcia <i>et al.</i> , 2020) Permanent education in oncology in a Federal University Hospital	Importância da educação continuada em oncologia	2020

(Neri; Felis; Sandim., 2020) Úlceras venosas: A abordagem do enfermeiro na consulta de enfermagem	Abordagem do enfermeiro no tratamento de úlceras venosas	2020
(Alves; Silva; Bittencourt, 2022) Atuação da Enfermagem no tratamento oncológico ofertado pelo Sistema Único de Saúde	Papel da enfermagem no cuidado oferecido a pacientes com câncer	2022
(DU <i>et al.</i> , 2022) The Global Burden of Leukemia and Its Attributable Factors in 204 Countries and Territories: Findings from the Global Burden of Disease 2019 Study and Projections to 2030.	Análise Estatística sobre leucemia e os fatores causadores.	2022
(Fanan <i>et al.</i> , 2022) Estimulação Nervosa Elétrica Transcutânea na dor de pacientes oncológicos em cuidados paliativos: uma revisão integrativa	Uso da estimulação nervosa elétrica transcutânea no tratamento da dor oncológica	2022
(Huang <i>et al.</i> , 2022) Disease Burden, Risk Factors, and Trends of Leukaemia: A Global Analysis. <i>Frontiers in Oncology</i>	Estudos Estatísticos	2022
(INCA, 2022) Estimativa 2023: incidência de câncer no Brasil	Previsão da incidência de câncer no Brasil para o ano de 2023	2022
(Vieira <i>et al.</i> , 2022) Práticas baseadas em evidências no tratamento e controle das radiodermatites em pacientes oncológicos	Utilização de evidências no tratamento de radiodermatites em pacientes oncológicos	2022
(Castro <i>et al.</i> , 2023) Perfil Epidemiológico de Pacientes Oncológicos Atendidos em um Serviço Odontológico de Referência do Estado do Ceará: Estudo Retrospectivo.	Estudo do perfil epidemiológico de pacientes oncológicos.	2023
(Costa <i>et al.</i> , 2023) Olhar do acadêmico de enfermagem ao paciente oncológico hospitalizados em cuidados paliativos	Percepção dos acadêmicos de enfermagem sobre pacientes oncológicos em cuidados paliativos	2023
(Camargo Júnior <i>et al.</i> , 2023) Metodologia da pesquisa científica e acadêmica	Revisão integrativa, sistemática e narrativa- aspectos importantes na elaboração de uma revisão de literatura.	2023
(Lima; Oliveira; Silva, 2023) Equipe de Enfermagem: apoio emocional a pacientes com câncer.	Estudo Descritivo com Abordagem Qualitativa	2023
(Lima <i>et al.</i> , 2023) A relevância da Abordagem Humanizada na Sala de Exames Radiológicos pelo Profissional Técnico de	Revisão Integrativa da Literatura com Abordagem Descritiva	2023

Radiologia aos pacientes com câncer.		
(Louzado <i>et al.</i> , 2023) O enfermeiro frente ao paciente oncológico em cuidado paliativo: Revisão de literatura integrativa.	Revisão Integrativa da Literatura	2023
(Silva <i>et al.</i> , 2023) Conduta do enfermeiro diante o paciente pediátrico oncológico em fase de terminalidade	Atuação do enfermeiro diante de pacientes pediátricos oncológicos em fase terminal	2023
(Valero <i>et al.</i> , 2023) O potencial uso do riluzol no tratamento do câncer: revisão sistemática	Revisão sistemática sobre o potencial terapêutico do riluzol no câncer	2023
(Cruz <i>et al.</i> , 2024) Epidemiological profile of deaths from leukemia in Brazil from 2018 to 2023.	Estudo Epidemiológico Retrospectivo com Abordagem Quantitativa	2024
(Prado <i>et al.</i> , 2024) Efeito do cuidado paliativo sobre a qualidade de vida de pacientes oncológicos pediátricos: revisão integrativa da literatura.	Revisão Integrativa da Literatura	2024
(Silva <i>et al.</i> , 2024) Perfil epidemiológico dos óbitos em adultos por neoplasia maligna do estômago no brasil: período de 2020 a 2023.	Pesquisa Epidemiológica Retrospectiva e Descritiva, de Abordagem Quantitativa	2024

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Representando 52% do total dos artigos analisados, num montante de 13 artigos, discutem os diversos aspectos de como a oncologia clínica e o tratamento do câncer são abordados de forma abrangente e especializada.

Rubbin (2003) oferece uma visão geral da oncologia clínica, destacando sua natureza multidisciplinar e a importância da abordagem integrada no tratamento do câncer.

Santana e Lopes (2007) exploram os cuidados especializados oferecidos a pacientes após a residência em enfermagem oncológica, evidenciando a importância do suporte contínuo durante o processo de tratamento.

Souza *et al.* (2012) aborda o impacto da depressão na adesão ao tratamento em pacientes oncológicos, enfatizando a necessidade de intervenções psicológicas para melhorar a qualidade de vida dos pacientes.

Bezerra *et al.* (2019) e Santos *et al.* (2019) oferecem atualizações sobre os conhecimentos em oncologia, destinadas a estudantes de graduação e profissionais de saúde, fornecendo uma base sólida para a prática clínica.

Alves, Silva e Bittencourt (2022) e Fanan *et al.* (2022) exploram o papel fundamental da enfermagem no cuidado oferecido a pacientes com câncer, destacando a importância da educação continuada e da prática baseada em evidências.

O Instituto Nacional de Câncer (2022) apresenta previsões da incidência de câncer no Brasil para o ano de 2023, fornecendo informações essenciais para o planejamento de políticas de saúde pública.

Vieira *et al.* (2022), Costa *et al.* (2023), Silva *et al.* (2023) e Valero *et al.* (2023) exploram diversas abordagens terapêuticas e estratégias de manejo para diferentes tipos de câncer, demonstrando os avanços contínuos na pesquisa e prática clínica.

Dentro do campo da saúde, a educação em oncologia é responsável pela formação de profissionais e na disseminação de informações sobre prevenção, diagnóstico e tratamento do câncer. Neste conjunto de 2 artigos, que representa 8% do total, são abordados temas relacionados à educação em oncologia e sua interseção com a saúde pública.

Garcia *et al.* (2020) destacam a importância da educação continuada em oncologia, especialmente em um ambiente hospitalar. Eles ressaltam a necessidade de treinamento constante para profissionais de saúde, a fim de garantir a prestação de cuidados de alta qualidade aos pacientes oncológicos.

Brasil (2019) apresenta critérios e parâmetros para habilitação de estabelecimentos de saúde em oncologia, fornecendo diretrizes essenciais para o planejamento e organização de serviços de saúde voltados para o tratamento do câncer. O documento reflete o compromisso do governo brasileiro em promover a qualidade e a acessibilidade dos serviços oncológicos em todo o país.

Esses dois artigos evidenciam a importância da educação em oncologia tanto para profissionais de saúde quanto para gestores e formuladores de políticas públicas. Eles destacam a necessidade de investimentos contínuos em programas educacionais e estratégias de capacitação para melhorar os resultados de saúde relacionados ao câncer e reduzir o impacto da doença na população.

A patologia e a citogenética são áreas fundamentais no estudo das doenças humanas, fornecendo informações sobre suas bases genéticas e moleculares. Neste conjunto de 3 artigos, que representa 12% do total, são explorados temas relacionados à patologia e à citogenética, fornecendo conhecimentos essenciais para compreender as bases biológicas das doenças.

Maluf e Riegel (2011) abordam os aspectos genéticos relacionados aos cromossomos humanos, oferecendo uma visão detalhada da citogenética humana e suas aplicações na prática clínica. Eles destacam a importância do estudo dos cromossomos na compreensão das doenças genéticas e no diagnóstico de condições patológicas.

Abbas, Aster e Kumar (2013) e Abbas *et al.* (2017) fornecem uma introdução abrangente à patologia, abordando os princípios essenciais dessa disciplina e destacando os mecanismos moleculares subjacentes às doenças. Eles exploram os aspectos fundamentais da patologia, desde a fisiopatologia até as manifestações clínicas, contribuindo para uma compreensão mais profunda das bases biológicas das enfermidades.

Esses três artigos refletem a importância da patologia e da citogenética na prática clínica e na pesquisa biomédica, fornecendo uma base sólida para o diagnóstico, prognóstico e tratamento de uma ampla variedade de doenças. Eles evidenciam a necessidade contínua de estudos nesses campos para avançar nosso entendimento sobre as bases moleculares das doenças humanas e desenvolver terapias mais eficazes.

Os cuidados de enfermagem auxiliam de forma eficaz no manejo e na assistência aos pacientes com câncer, proporcionando suporte físico, emocional e psicossocial ao longo de todo o processo de tratamento. Neste conjunto de 6 artigos, que representa 24% do total, são abordados diversos aspectos dos cuidados de enfermagem em oncologia, destacando a importância do papel dos enfermeiros na prestação de cuidados holísticos e individualizados aos pacientes.

Lins e Souza (2018) exploram a formação profissional dos enfermeiros para o cuidado específico em oncologia, destacando a importância da educação continuada e do desenvolvimento de competências específicas para lidar com as necessidades complexas dos pacientes oncológicos.

Neri, Felis e Sandim. (2020) explanam a abordagem do enfermeiro no tratamento de úlceras venosas, evidenciando a importância da avaliação e do manejo adequado dessas lesões cutâneas comuns em pacientes oncológicos, visando melhorar sua qualidade de vida e prevenir complicações.

Costa *et al.* (2020) exploram os sentimentos e expectativas das mulheres frente ao diagnóstico de câncer de mama, destacando o papel do enfermeiro na oferta de suporte emocional, informação e orientação durante todo o processo de tratamento.

Alves Silva e Bittencourt (2022) investigam a atuação da enfermagem no tratamento oncológico oferecido pelo Sistema Único de Saúde (SUS), destacando os desafios e oportunidades enfrentados pelos enfermeiros na prestação de cuidados a uma população diversificada e muitas vezes vulnerável.

Costa *et al.* (2023) e Silva *et al.* (2023) exploram o olhar do acadêmico de enfermagem e a conduta do enfermeiro diante de pacientes oncológicos, fornecendo análises valiosas sobre a percepção e a prática profissional dos enfermeiros neste contexto específico.

Esses seis artigos refletem a importância dos cuidados de enfermagem em oncologia na promoção do bem-estar e na melhoria da qualidade de vida dos pacientes com câncer.

A metodologia de pesquisa científica e acadêmica é fundamental para garantir a qualidade e a validade dos estudos realizados em diversas áreas do conhecimento. Neste conjunto de 1 artigo, que representa 4% do total, são abordados temas relacionados aos métodos e técnicas utilizados na condução de pesquisas científicas e acadêmicas.

De acordo com Lima, Oliveira e Silva (2023), o diagnóstico de câncer representa um momento de profundo impacto na vida do paciente, muitas vezes acompanhado pela percepção da finitude, dor, tratamentos invasivos e até mesmo pela perspectiva da morte, o que pode gerar medo e ansiedade. Diante desse contexto desafiador, o enfermeiro desempenha um papel essencial ao oferecer acolhimento e assistência abrangente tanto ao paciente quanto à sua família (Lima; Oliveira; Silva, 2023).

É importante compreender que tanto os pacientes quanto seus familiares podem enfrentar crises em várias dimensões de suas vidas, incluindo aspectos físicos, emocionais, sociais, culturais e espirituais. Por isso, os objetivos da assistência de enfermagem devem focar na criação de uma rede de apoio ampla e inclusiva durante todo o processo de tratamento. Nesse sentido, o enfermeiro pode se valer de modelos assistenciais e do processo de enfermagem como ferramentas orientadoras para fornecer um suporte personalizado e abrangente (Lima; Oliveira; Silva, 2023).

Além disso, é importante ressaltar que o impacto do câncer pode se manifestar em diversas áreas da vida dos indivíduos, abrangendo aspectos físicos, emocionais, sociais, culturais e espirituais. Portanto, os objetivos da assistência devem ser direcionados para a criação de uma rede de apoio completa ao longo de todo o

processo de tratamento. Para tanto, o enfermeiro pode adotar modelos assistenciais e utilizar o processo de enfermagem como base para orientar esse suporte de maneira personalizada e integral (Lima; Oliveira; Silva, 2023).

Conforme salientado por Lima *et al.* (2023), é essencial destacar a autoimagem no cuidado ao paciente oncológico durante o acolhimento na sala de exame, conforme preconizado pela Portaria nº 2439/2005 do Ministério da Saúde. Em paralelo, a Política Nacional de Atenção Oncológica, implantada em 2005, visa promover a prevenção, diagnóstico, tratamento, reabilitação e cuidados paliativos para pacientes com câncer. Enfermeiros observam uma abordagem diferenciada na assistência a esses pacientes em unidades de pronto-socorro, em virtude das particularidades do processo de adoecimento e do atendimento mais ágil, sem necessidade de passar pela central de regulação do hospital.

Louzado *et al.* (2023) salientam que, nesse cenário, a presença contínua do enfermeiro junto ao paciente em cuidados paliativos é de suma importância. Os enfermeiros têm um papel essencial ao facilitar a comunicação entre a equipe médica e os familiares, garantindo que o paciente seja tratado com respeito à sua dignidade e qualidade de vida, ao mesmo tempo em que proporciona alívio da dor e do sofrimento. Para desempenhar essa função de forma eficaz, é imprescindível que o enfermeiro possua um vasto conhecimento em diversas áreas, incluindo o controle de sintomas, o manejo da dor, o suporte emocional tanto ao paciente quanto à família, e a promoção da dignidade e do conforto, entre outras responsabilidades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O enfermeiro especializado em oncologia desempenha um papel central no cuidado abrangente a pacientes com câncer. Além de se concentrar nos aspectos físicos da doença, o profissional destaca-se por oferecer um suporte emocional fundamental. Diante do diagnóstico desafiador, o enfermeiro oncológico é essencial na ajudar os pacientes a enfrentarem emoções intensas, como medo, ansiedade e estresse associados ao tratamento.

Esses profissionais enfrentam não apenas a pressão de tratar a doença, mas também de compreender as necessidades emocionais dos pacientes, proporcionando cuidados que vão além da cura física. A comunicação eficaz emerge como uma

ferramenta crucial para entender as preocupações dos pacientes e oferecer o suporte necessário durante o processo.

Conforme as 25 referências consultadas, a neoplasia, caracterizada por “novos crescimentos” ou “neoformação”, desafia o sistema imunológico, levando a um crescimento excessivo, progressivo e ilimitado de células com perda de diferenciação devido a alterações genéticas e proteicas (Silva *et al.*, 2023; Abbas; Aster; Kumar, 2013).

O diagnóstico de câncer é um momento desafiador para os pacientes, associado a estigmas e medos relacionados à morte e tratamentos dolorosos. Essa situação desencadeia reações emocionais intensas, como medo, ansiedade, estresse e depressão (Carvalho, 2002). A depressão, em particular, é uma condição relevante, muitas vezes ignorada, devido à confusão com os sintomas do tratamento oncológico e à pressão para manter um otimismo aparente (Souza *et al.*, 2012).

A equipe de enfermagem desempenha um papel fundamental na compreensão e abordagem das necessidades emocionais dos pacientes oncológicos. A depressão, ansiedade e estresse são comuns nesse contexto, e os profissionais de enfermagem devem proporcionar um cuidado integral, considerando não apenas a cura física, mas também o bem-estar psicológico (Costa *et al.*, 2020).

As diretrizes para a prática clínica da enfermagem oncológica são essenciais na orientação dos cuidados. Destacam-se a importância da avaliação contínua do estado emocional dos pacientes, identificação de sinais de ansiedade e depressão, e implementação de intervenções de suporte emocional adequadas (Brasil, 2020). A comunicação eficaz é uma ferramenta fundamental na abordagem de questões emocionais, permitindo que a equipe de enfermagem compreenda as preocupações do paciente e forneça o apoio necessário (Amâncio; Campos, 2009).

REFERÊNCIAS

ABBAS, A. K.; ASTER, J. C.; FAUSTO, N.; KUMAR, V.; MITCHELL, R. N. Robbins & Cotran **Fundamentos de Patologia**. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2017.

ABBAS, A. K.; ASTER, J. C.; KUMAR, V. **Patologia Básica**. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

ALVES, R. S. G.; SILVA, G. C. D.; BITTENCOURT, M. E. S. Atuação da Enfermagem no tratamento oncológico ofertado pelo Sistema Único de Saúde.

Congresso Brasileiro de Ciências e Saberes Multidisciplinares, n. 1, p. 1-9, 2022.

AMÂNCIO, N. A. M.; CAMPOS, L. N. de M. O papel do enfermeiro na assistência ao paciente oncológico. **Revista Tecer**, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, nov. 2009.

BARROS, E.; FOCHESTATTO FILHO, L. **Medicina Interna na Prática Clínica**. Porto Alegre: Artmed, 2013.

BEZZERA, D. A. *et al.* **Oncologia**. Atualização para graduação. Sobral-CE: Booknando Livros LTDA, 2019.

BRASIL. INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA. **ABC do câncer**: abordagens básicas para o controle do câncer. 6. ed. rev. atual. Rio de Janeiro: INCA, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº1399, de 17 de dezembro de 2019**. Redefine os critérios e parâmetros referenciais para a habilitação de estabelecimentos de saúde na alta complexidade em oncologia no âmbito do SUS. Brasília: Secretaria de Atenção Especializada a Saúde, 2019.

CAMARGO, T. C. **O ex-sistir feminino enfrentando a quimioterapia para o câncer de mama**: um estudo de enfermagem na ótica de Martin Heidegger. Tese (Doutorado em Enfermagem) Escola de Enfermagem Anna Nery. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

CAMARGO JÚNIOR, R. N. C.; SILVA, W. C.; SILVA, É. B. R.; SÁ, P. R.; FRIAES, E. P. P.; COSTA, B. O.; OLIVEIRA JÚNIOR, J. A. Revisão integrativa, sistemática e narrativa-aspectos importantes na elaboração de uma revisão de literatura. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 28, n. 1, p.4, 2023.

CARVALHO, M. M. Psico-oncologia: história, características e desafios. **Psicologia USP**, v. 13, n. 1, p. 151-166, 2002.

CASTRO, E. V.; CAVALCANTE, A. B. T.; SILVA, P. G. de B.; MENESES, A. M.; DANTAS, T.; FORTE, C. P. F. Perfil Epidemiológico de Pacientes Oncológicos Atendidos em um Serviço Odontológico de Referência do Estado do Ceará: Estudo Retrospectivo. **Revista Brasileira de Cancerologia**, v. 69, n. 4, p. e-104386, 2023.

COSTA, E. T. T.; PEDREIRA, N. P.; CASTRO, C. C.; RAMOS, A. M. P. C. Olhar do acadêmico de enfermagem ao paciente oncológico hospitalizados em cuidados paliativos. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 23, n. 7, p. e13274-e13274, 2023.

COSTA, R. S. L. da; LIMA, R. dos S. M.; FÉLIX, T. C.; DA MOTA, T. M. S. C.; TAVARES, E. A.; QUEIROZ, G. J. da C.; PEREIRA, E. P. Sentimentos e expectativas de mulheres frente ao diagnóstico de câncer de mama/ Feelings and expectations of women regarding the diagnosis of breast cancer/ Sentimientos y expectativas de las mujeres en el diagnóstico de cáncer de mama. **Journal Health Npeps**, v. 5, n. 1, p. 290-305, 2020.

COUTO, C. G.; NELSON, R. W. **Medicina Interna de Pequenos Animais**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015.

CRUZ, D. C. da; FERNANDO, S. M. C.; PARADIS, R. J. M.; RIBEIRO, A. C. B.; SILVA, A. V. L. P. da; MUNIZ FILHO, C. da S.; FERRAZ, B. R.; AZEVEDO, L. P. S.; GOMES, M. H. P.; PRADO, C. A.; ARAÚJO, M. S. Epidemiological profile of deaths from leukemia in Brazil from 2018 to 2023. **Research, Society and Development**, v. 13, n. 5, p. e1813545648, 2024.

DU, M.; CHEN, W., LIU, K.; WANG, L.; HU, Y.; MAO, Y.; SUN, X.; LUO, Y.; SHI, J.; SHAO, K.; HUANG, H.; YE, D. The Global Burden of Leukemia and Its Attributable Factors in 204 Countries and Territories: Findings from the Global Burden of Disease 2019 Study and Projections to 2030. **Journal of Oncology**, p. 1–14, 2022.

FANAN, J. M. V.; VENÂNCIO, S. A.; FERREIRA, A. S. M.; BARICHELLO, E. Estimulação Nervosa Elétrica Transcutânea na dor de pacientes oncológicos em cuidados paliativos: uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v.11, n. 17, p. e271111739190, 2022.

GARCIA, J. V. M. *et al.* Permanent education in oncology in a Federal University Hospital. **Rev. Enferm.**, v.8, n.2, 2020.

HUANG, J.; CHAN, S. C.; NGAI, C. H.; LOK, V.; ZHANG, L.; LUCERO-PRISNO, D. E.; XU, W.; ZHENG, Z.-J.; ELCARTE, E.; WITHERS, M.; WONG, M. C. S. Disease Burden, Risk Factors, and Trends of Leukaemia: A Global Analysis. **Frontiers in Oncology**, n.12, 2022.

INCA. Instituto Nacional de Câncer. **Dados e números sobre câncer de mama**. Rio de Janeiro: INCA, 2023. Disponível em: https://antigo.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files//media/document//relatorio_dados-e-numeros-ca-mama-2023.pdf. Acesso em 20 de maio de 2024.

INCA. Instituto Nacional de Câncer. **Estimativa 2023**: incidência de câncer no Brasil. Rio de Janeiro: INCA; 2022. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/publicacoes/livros/estimativa-2023-incidencia-de-cancer-no-brasil>. Acesso em 22 de abril de 2024.

LIMA, E. S.; OLIVEIRA, C. F. P.; SILVA, M. G. S. Equipe de Enfermagem: apoio emocional a pacientes com câncer. **Congresso Brasileiro de Ciências e Saberes Multidisciplinares**, n. 2, 2023.

LIMA, J. A. F.; KAESER, J. O. S.; SILVA, F. S.; DIAS, G. M.; SANTOS, J. R. A relevância da Abordagem Humanizada na Sala de Exames Radiológicos pelo Profissional Técnico de Radiologia aos pacientes com câncer. **Seven Editora**, p. 625-641, 2023. Disponível em: <https://sevenpublicacoes.com.br/index.php/editora/article/view/1325>. Acesso em: 22 maio 2024.

LINS, F.G.; SOUZA, S. R. Formação dos enfermeiros para o cuidado em oncologia. **Rev. Enferm.**, v. 12, n. 1, 2018.

LOUZADO, M. A. N.; SILVA, I. S.; LIMA, T. O.; RIBEIRO, M. L. J.; CELENTO, D. D.; RODRIGUES, L. M. S. O enfermeiro frente ao paciente oncológico em cuidado paliativo: Revisão de literatura integrativa. **Revista Pró-UniverSUS**, v. 14, n. 3, p. 70-80, 2023.

MALUF, S. W.; RIEGEL, M. **Citogenética Humana**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

MELLO FILHO, J. de; BURD, M. **Psicossomática hoje**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

NERI, C. F. S.; FELIS, K. C.; SANDIM, L. S. Úlceras venosas: A abordagem do enfermeiro na consulta de enfermagem. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 5, p. 30682-30694, 2020.

OLIVEIRA, J. L. C.; PAPA, M. A. F.; WISNIEWSKI, D.; INOUE, K. C.; COSTA, M. A. R.; MATSUDA, L. M. Qualidade do cuidado: concepções de graduandos de enfermagem. **Ver. Min. Enferm.**, v. 19, n. 1, p. 29-35, 2015.

OPAS. ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Câncer. **Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS)**. Out. 2022. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/cancer>. Acesso em: 20 maio 2024.

PRADO, L. G. M.; OLIVEIRA, V. H. V.; PAULA, L. A. A.; GUILHERMINO, H. H. F.; GONZALES, L. F.; CANALES, M. R. M.; CHAGAS, E. F. B. Efeito do cuidado paliativo sobre a qualidade de vida de pacientes oncológicos pediátricos: revisão integrativa da literatura. **Peer Review**, v. 6, n. 10, p. 99–110, 2024.

RUBBIN, Philip. **Oncología Clínica: Enfoque Multidisciplinario para Médicos y Estudiantes**. 8ª Ed. Espanã: Elsevier Science, 2003.

SALVETTI, M. de G.; MACHADO, C. S. P.; DONATO, S. C. T.; SILVA, A. M. da. Prevalência de sintomas e qualidade de vida de pacientes com câncer. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, n. 2, e20180287, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0287>

SANTANA, C. J. M.; LOPES, G. T. O Cuidado Especializado Do Egresso Da Residência Em Enfermagem Do Instituto Nacional De Câncer – INCA. **Esc Anna Nery R Enferm**, v. 11, n. 3, p. 417 – 22, 2007.

SANTOS, D. S.; DOMINGOS, N. F.; ÁRTICO, L. Carcinoma de pulmão de pequenas células: Revisão de Literatura. **Revista Científica do Centro Universitário de Jales X Edição**, v. 171, 2019.

SANTOS, F. C.; CAMELO, S. H. H.; LAUS, A. M.; LEAL, L. A. O enfermeiro que atua em unidades hospitalares oncológicas: perfil e capacitação profissional. **Enfermería Global**, n. 38, abr. 2015.

SILVA, B. A. M.; CRUZ, E. G.; DO NASCIMENTO, P. L. A.; BITTENCOURT, M. E. da S.; BALBINO, C. M. Conduta do enfermeiro diante o paciente pediátrico

oncológico em fase de terminalidade. **CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES**, v. 16, n. 7, p. 7898–7912, 2023.

SILVA, V. F. B. da; SANTOS, A. da S.; MARINHO, C. A. da S.; OLIVEIRA, P. G. S. de; SILVA, E. J. da; SANTOS, D. V. L. dos; SILVA, G. C. da; MENEZES, K. P. B. de; MOURA, M. E. da S.; FIRMINO, M. R.; SILVA, N. V. L.; SILVA, S. A. da; MARINHO, I. A. da S. Perfil epidemiológico dos óbitos em adultos por neoplasia maligna do estômago no Brasil: período de 2020 a 2023. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 5, p. 49–60, 2024.

SOUZA, B. F.; PIRES, F. H.; DEWULF, N. DE L. S.; INOCENTI, A.; SILVA, A. E. B. DE C.; MIASSO, A. I. Pacientes em uso de quimioterápicos: depressão e adesão ao tratamento. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 47, n. 1, p. 61-68, 2012.

SOUZA, R. S. **Brunner & Suddarth**: Manual de Enfermagem Médico-Cirúrgica. 13 ed. São Paulo: GEN, 2015.

VALERO, C.; BEZERRA, P. M.; PEREZ, M. M.; FEDER, D. O potencial uso do riluzol no tratamento do câncer: revisão sistemática. **Saúde e meio ambiente: revista interdisciplinar**, 12, 31-63, 2023.

VIEIRA, A. A. B.; SANTOS, D. T.; BENÍCIO, G. C.; SILVA, M. A.; SOUSA, F. L. C.; SILVA, F. E. A. Práticas baseadas em evidências no tratamento e controle das radiodermatites em pacientes oncológicos Evidence-based practices in the treatment and control of radiodermatitis in oncological patients. **Brazilian Journal of Development**, v. 8, n. 6, p. 44468-44485, 2022.